

Gaston Leonardo
Stefani

Contos
Fantásticos



**“Há mais coisas entre o céu e a terra do que supõe nossa vã
filosofia.”
(Hamlet – Shakespeare)**

Prefácio

Caro leitor, convido você a viajar pelo mundo do fantástico e do inacreditável onde a fantasia e a sua imaginação te acompanharão. Prepare-se para trilhar um caminho sem volta rumo a um lugar em que tudo é possível. Atravesse a fronteira da realidade e perca-se nestas páginas repletas de magia. Quando as portas deste novo mundo abrirem-se, siga em frente e deixe-se levar porque aqui é permitido sonhar.

Tenham uma boa leitura e divirtam-se, assim como eu me diverti escrevendo este livro.

Gaston Leonardo Stefani

O Homem de preto

Seu nome era Samuel. Ele estava em apuros. Alguém o perseguia naquela noite escura e misteriosa e queria matá-lo. Sua vida encontrava-se em risco. E o tempo mantinha-se contra ele. Qualquer movimento em falso e seu destino seria inevitável. O desespero tomava conta do seu corpo. E agora, o que fazer? Para onde ir? Ele, simplesmente, não sabia nem ao menos, se no próximo minuto estaria vivo. Tudo o que queria agora era fazer com que seu coração parasse de bater tão forte.

O tempo foi passando. O cansaço foi começando a atingir Samuel. Suas pernas já não reagiam mais da mesma maneira. E pouco a pouco, foi diminuindo seu ritmo. Teria chegado o seu fim? A morte o abraçaria com seus longos braços naquela noite? Não, Samuel não queria pensar no pior. Ele ainda podia fugir.

Queria que aquele pesadelo acabasse. Já não conseguia mais correr. Foi quando o avistou. Veio do meio da escuridão, escondido entre as sombras. Samuel gritava. Entretanto, quem ouviria seus gritos naquele beco sem saída? Não havia mais para onde fugir. Eram apenas eles dois. Foi quando se lembrou da sua arma na cintura. Não tinha mais balas, mas se conseguisse atingir o seu rosto, poderia distraí-lo e arrumar algum tempo para escapar. Virou-se e...não havia mais ninguém ali. Para onde ele fora? Como podia ter desaparecido?

O medo tomava conta de Samuel. Poderia morrer a qualquer momento. Não tinha mais fôlego para correr. Tentou em vão chegar a algum local

seguro. Contudo, não o encontrou naquele lado da cidade. Ninguém poderia ajudá-lo. Todos estavam mortos. Sua vida dependia dele mesmo.

Num ato de desespero, conseguiu entrar num prédio abandonado. Agora, teria mais tempo para pensar e refletir um pouco sobre o que estava acontecendo. Porém, nada fazia o menor sentido. Por que aquela figura estranha de capa preta o perseguia há tanto tempo? O que ele queria? Quem era ele?

Pela janela do corredor onde Samuel se encontrava, podia-se ver o mar. No entanto, o mar não era mais azul. Era vermelho, tinto de sangue. Milhares e milhares de corpos boiavam sobre ele. Não parecia existir nenhum ser vivo ali. Teria chegado a hora do juízo final?

“E foi lançado no mar um como grande monte ardendo em fogo, e se tornou em sangue a terceira parte do mar. E a terça parte das criaturas, que viviam no mar, morreu...” A Bíblia falava sobre isso. O dia do apocalipse. Não, não podia ser verdade. Ele não queria acreditar naquilo. Por que aquilo estava acontecendo? E qual era a relação entre o mar e o estranho homem que o perseguia? Todas as respostas pareciam estar naquele homem de capa preta.

Havia alguém ali. Ele escutara um barulho. Poderia estar errado, todavia o melhor era não se aventurar. Ele foi em direção ao barulho, abriu a porta rapidamente e viu...apenas um rato sair em disparada. E, mais um corpo. Mas não era apenas um. Havia muitos outros ao seu redor. O lugar exalava a carne podre. Tudo parecia fazer menos sentido ainda.

O mar. Os mortos. O estranho de capa preta. A cidade destruída. Teria chegado a hora do ser humano pagar por tanta insensatez? Afinal, estávamos nos destruindo uns aos outros; acabando com o nosso planeta. Poluição, guerra, violência, destruição da camada de ozônio, florestas queimadas. Há muitos anos, destruíamos tudo de que mais precisávamos – de nosso planeta e

de nós mesmos. O ser humano se esquecera de amar. Melhor dizendo, desaprendera a amar. Talvez tivesse chegado a hora de pagar por isso tudo. O homem não poderia mais continuar impune. Alguém tinha que parar aquelas atrocidades. E uma força maior nos faria pagar por todos os nossos erros.

Um novo barulho chamou a sua atenção. Seria o homem de preto? Sim, era ele. Ele podia vê-lo escondido no meio das sombras. O homem da capa preta. Caminhava em sua direção. Agora, não havia mais escapatória. Mais alguns metros e o alcançaria. Seu coração batia em disparada. Sentiu um frio na espinha. Samuel sentia que o medo se havia apoderado do seu corpo. E sabia também que agora não teria mais para onde correr. Foi então, que ele saiu do meio das sombras e se revelou. Estava na sua frente. O homem da capa preta. Seu rosto estava completamente desfigurado. Não havia expressão naqueles olhos. Eram os olhos de um verdadeiro psicopata. Provavelmente, um homem que não hesitaria em matar alguém. Foi se aproximando mais e mais e com uma das mãos retirou um facão preso em uma de suas pernas, que estava sujo de sangue. A figura de preto erguia os braços para o golpe final e então... A faca atingiu um dos corpos daqueles milhares de mortos que havia ao seu redor. E com um corte horizontal, Retirou pedaços de carne e começou a devorá-los.

Uma sensação de alívio tomava conta de Samuel, misturada com um forte enjôo provocado por aquela cena grotesca. Porém, pelo menos tudo tinha mais coerência. Aquele homem de preto era apenas um homem lutando para sobreviver no meio do caos. Caos criado por nós mesmos.

“A voz ouvida do pássaro insólito,

Sobre a chaminé da lareira:

Tão alto subirão os alqueires de trigo,

Que o homem devorará o homem.”

Aquelas estrofes tinham sido escritas por Nostradamus há muitos anos atrás e falavam da fome do mundo que chegaria a tal ponto que homens se devorariam uns aos outros. Samuel entendia tudo melhor agora. A destruição não viria dos céus, mas de nós mesmos. O homem havia concretizado o seu legado de morte, acabando com a sua própria raça.

Ele já havia escutado no rádio boatos sobre o início da Terceira Guerra Mundial. No entanto, não eram apenas boatos. Aquelas mortes todas eram devido a isto. Tudo havia acontecido tão rápido que nem ele mesmo se dera conta de tal. Foi durante a explosão que aconteceu dois dias atrás. Sua cabeça bateu contra a parede e fez com que ele permanecesse desacordado por um longo tempo. Ao acordar, não conseguia se lembrar mais de nada. Foi quando o pesadelo começou. Um pesadelo real e assustador. Porém, ele preferia não ter acordado. Poderia ter morrido naquele instante, para não ver tamanha fatalidade. Não havia mais nada a fazer, a não ser esperar e rezar para não ser devorado vorazmente por um outro ser, humano como ele.

Lágrimas de sangue

Há poucas semanas, testemunhei um acontecimento que me deixou ao mesmo tempo estarecido e com medo. Este episódio ocorreu numa cidade do interior de Minas Gerais e se eu não tivesse visto, não teria acreditado.

Tudo começou numa terça-feira. Estava passando as férias na casa de um amigo meu chamado Rodrigo. Uma de suas sobrinhas – a Carol – desfrutava alguns dias em sua casa.

O dia transcorria normalmente. Conversava com Rodrigo sobre os nossos velhos tempos de garotos, quando um barulho nos desviou a atenção. Eram gritos vindos do quarto de Carol. Disso tínhamos certeza. Fomos até lá ver porque ela gritava daquela maneira. Rodrigo imediatamente procurou por Carol. E lá estava ela, encolhida em um canto do quarto chorando. Dos seus olhos escorriam “lágrimas de sangue”. Olhei para aquilo estarecido. Ela parecia estar em transe e da sua boca saíam palavras sem sentido. O meu amigo virou-se para ela e perguntou-lhe:

- O que está acontecendo?

E ela lhe respondeu:

- Não saia hoje à noite de carro. Vejo...dor...sofrimento e...morte. Um caminhão vindo em sua direção.

- Do que você está falando?

- Só...evite...sair hoje.
- Mas tenho um compromisso hoje à noite.
- Tio...Por favor, não vá!

De repente, seus olhos se fecharam e ela voltou a si. Perguntou a ele o que havia acontecido e ele lhe disse que ela havia desmaiado. Notei um certo temor em seus olhos. Queria entender melhor aquele fato ocorrido, mas não conseguia. Rodrigo me chamou e disse:

- Quero levar a Carol no médico. Vou levá-la amanhã de manhã. Não sei o que há com ela. Alguém nesta maldita cidade tem de saber o que é que ela tem. Como é que não descobrem nada?

- Peraí...você está querendo me dizer que isto já aconteceu antes? O que houve?

- Desculpe, mas tenho que me arrumar. Marquei uma reunião hoje para fechar acordo com uma empresa. Se der certo, começarei a vender os produtos através dela. Conversamos sobre isso amanhã.

- Espere um minuto. Você não pode ir. Sua sobrinha disse...

- Ah! Você não vai dar ouvidos ao que uma criança de seis anos diz quando desmaia, não é?

- Mas...

- Chega! Amanhã conversamos melhor. Se quiser, há uma lasanha na geladeira. Até logo!

E algumas horas depois, a polícia local telefonava para a casa de Rodrigo contando sobre um terrível acidente com ele. Um caminhão desgovernado batera de frente com seu carro. Infelizmente, ele ficara preso nas engrenagens e morrera em instantes. Fiquei boquiaberto com aquela notícia. Um frio na minha espinha invadia meu corpo e minha mente divagava em perguntas.

Andei até Carol e tentei contar-lhe o que acabara de ocorrer. Falei que o seu tio agora estava com “papai do céu”. Ela chorou e me abraçou. Senti-me naquele momento, impotente diante daquela situação. Pensei por alguns minutos e decidi ligar para seus pais. Procurei em uma agenda pelo telefone e logo a encontrei. Disquei os três primeiros dígitos e tive que interromper a ligação. Novamente, Carol agonizava em prantos e seus olhos se enchiam de “lágrimas de sangue” mais uma vez. Tentei confortá-la naquele momento, mas com um empurrão, ela me afastou. Foi então, que de novo voltou a falar daquela maneira tão estranha e irreal:

- Saia daqui agora. Não...fique...nem...mais um minuto. Vá...enquanto...é tempo.

- Mas o que está acontecendo? O que você vê? Diga-me o que você vê.

Inesperadamente, a porta da sala foi arrebatada a pontapés e vários homens vestidos de preto penetraram por ela. Carol me abraçava novamente e pedia para que eu corresse. Corri em disparada com Carol agarrada a meus braços. Entretanto, os invasores mandaram que eu não me mexesse. Decidi não obedecer e continuei a correr. Eis que uma bala parou minha trajetória e me fez cair. Tentava erguer-me, embora não conseguisse. Um deles virou-se para mim e disse:

- Não se meta nisso. Só queremos levar a garota conosco.
- Mas quem são vocês e o que querem?
- Se falarmos, teremos que matá-lo.
- Vocês não vão levá-la.

Os outros corpulentos sujeitos juntaram-se a ele e olharam para mim sarcasticamente. Aproveitei um minuto de distração e fugi com a garota. Peguei meu carro e sai em disparada. Eles tentaram me alcançar, mas felizmente não conseguiram. Por sorte, ganhava alguns minutos de vantagem.

Assim, teria algum tempo para pensar. Carol olhava-me comovida e chorava. Tentava perguntar-lhe se ela conseguia se lembrar de algo; ela não se lembrava. Não sabia para onde ia e nem de quem fugia. Tinha que buscar ajuda e rápido.

Uns instantes depois, eles já estavam atrás de mim. Tentaram a qualquer custo me fazer parar. Foi então, que num movimento brusco, joguei meu carro para o lado e o carro deles perdeu o controle, batendo contra uma árvore. Parei o automóvel e pude ver que estavam inconscientes ou mortos. Necessitava ir até lá para descobrir quem eles eram e o que queriam. Dei alguns passos e fiquei de frente para o carro. Peguei o documento de um deles e então, tudo o que havia surgido até aqui parecia ter mais nexos. Eles eram de uma agência governamental que estudavam casos paranormais e provavelmente, queriam a garota para futuras análises.

No dia seguinte, fui até a empresa que produzia um jornal local e decidi falar sobre a garota. Logo, consegui alcance nacional e a história virou capa dos principais jornais do Brasil.

Levei a garota até seus pais e me despedi dela. Mais uma vez, teve um surto daqueles. E, apenas me disse para ir ao médico e chorou.

Voltei para minha cidade e logo que cheguei lá, liguei para meu médico e pedi um check-up. Descobri que tinha um tumor no cérebro que não podia ser operado e que meu tempo de vida era curto.

Lembro-me constantemente do que aconteceu e fico feliz por Carol estar bem com seus pais. Quanto a mim, vou aproveitar os dias que me restam até ver o meu último pôr-do-sol.

Em busca de Khamon

- Mestre, estou em busca da cidade iluminada. – dizia Chen, o jovem monge.
- Por que você procura pela cidade iluminada? – perguntava o mestre.
- Lá, a paz reina e todos alcançaram o nirvana. É um lugar de energia positiva. Se o paraíso existe, chama-se Khamon.
- Nem se sabe se essa cidade realmente existe ou não.
- Eu estou disposto a tentar. Vou tentar achar Khamon.
- Não se esqueça que muitos morreram tentando achar Khamon. O acesso é difícil. Fica no topo de uma montanha. O vento é muito forte e o frio pode te matar.
- Mestre, sei que as dificuldades serão imensas, mas eu vou prosseguir até Khamon, custe o que custar.
- Meu jovem, vejo que você está determinado mesmo a encontrar Khamon.
- Sim, estou. Se Khamon existe, irei encontrá-la.
- Muito bem. Vá e tome cuidado. Prepare a sua mente para as dificuldades que virão e mantenha-a livre de pensamentos negativos. Muitas vezes, o desânimo te abaterá e a única coisa que poderá te manter no rumo certo é a sua força de vontade e a sua esperança.

- Adeus, mestre.

E o jovem seguiu seu caminho em busca de Khamon. Com uma mochila nas costas e usando roupas de frio, ele continuou a andar. Muitas montanhas estendiam-se pelo trajeto, mas uma delas sobressaía-se das outras pela sua altura. Era ali que a procura começaria.

Após vários quilômetros percorridos, aproximou-se da última montanha. Agora, teria que subir por uma estreita passagem. Agarrando-se em pedaços de pedras, conseguiu atravessar aquela parte do percurso. O vento soprava com força e carregava folhas e pedregulhos por onde passava.

Na medida em que ia avançando, os obstáculos tornavam-se mais difíceis e os desafios eram maiores. Para vencê-los, teria que superar suas próprias limitações. Nada o impediria de entrar em Khamon.

O frio transformava-se em um perigoso inimigo, causando tremores e desconforto. Todavia, este seria apenas um dos vilões que cruzariam na sua frente.

Uma rocha vinda do alto quase matou o incauto monge. Ela espatifou-se no chão.

– Ufa...essa foi por pouco. – pensava ele, olhando para cima, tentando precaver-se.

Quantas outras dificuldades aguardariam-no no resto da viagem? Escaparia com vida desta aventura? Como enfrentaria cada nova etapa a partir de agora? Notava que o medo começava a instalar-se em seu interior. Parou por alguns minutos e afugentou-o de si. Se fosse dominado pelas emoções, não conheceria Khamon.

Nuvens cinzentas cobriam o céu. E uma chuva torrencial iniciava-se. Entre raios e trovões, Chen seguiu adiante.

Quanto mais subia, mais o cheiro piorava. O odor era de alguém morto. Olhou e percebeu vários corpos sem vida decompondo-se naquela área. Todos vitimados pela curiosidade de ver de perto a cidade iluminada.

“Por que você procura pela cidade iluminada?” “Não se esqueça que muitos morreram tentando achar Khamon.” As frases ditas pelo seu mestre ecoavam em sua mente. Como negar a realidade? A verdade daquelas palavras refletiam-se diante de seus olhos.

- Eu vou conseguir. Falta apenas mais um pouco. Vencerei o cansaço, se for preciso. Não me deixarei abater. – falava Chen para si mesmo em voz alta. – Nada vai me impedir. As dificuldades são apenas obstáculos temporários e quanto mais eu for superando cada um deles, mais amadurecerei no meu aprendizado.

Embora já apresentasse dores nas pernas, não deixaria abater-se. Se resistisse e superasse suas fraquezas, alcançaria êxito naquela jornada.

Um brilho no topo da montanha chamou-lhe a atenção. O que era aquilo? Que luminosidade seria aquela que parecia brotar das rochas? Andou vagarosamente e com cautela até a luz que emanava dali. Ela propagava-se e aumentava de intensidade. Quem estava fazendo aquelas estranhas luzes aparecerem? Viria de dentro de Khamon? Seu coração batia mais rápido de emoção. Não acreditava; estava a poucos metros de visitar a cidade iluminada. E se tudo corresse bem, em alguns minutos chegaria lá.

- Oi. Quem é você? – perguntou-lhe o senhor de longa barba branca.
- Aonde estou? Eu...meu nome é Chen. – respondeu-lhe.
- Você está em Khamon. O que procura aqui?
- Eu...estou em Khamon?
- Sim. Poucos conseguiram entrar aqui.

- Ouvi falar que vocês são seres iluminados dotados de grande energia e que todos aqui vivem em total estado de harmonia.

- Sim. Vivemos em total harmonia. Olhe ao seu redor. Aqui, cada um tem a função de ajudar o outro. Sabemos que só se nos unirmos e nos ajudarmos, poderemos manter a harmonia deste local.

Um belo pássaro de cores vivas sobrevoava o céu. E crianças brincavam próximas de um lindo lago azul. A alegria da cidade era contagiante. Uma atmosfera de paz reinava em Khamon.

- Chen, venha conhecer a nossa pequena cidade. Você será nosso convidado especial hoje.

- Muito obrigado. Adoraria ver cada parte desta cidade de perto.

A música da felicidade tocava nos corações dos habitantes daquele local e Chen podia senti-la. Aquela sensação parecia entrar dentro de sua alma e causava um imenso conforto. Não podia ser descrito em palavras. Elas não conseguiriam descrever com exatidão tal vibração.

Avistou uma bela cachoeira esverdeada e reparou que nunca havia visto algo tão belo. A visão era fantástica. Tudo em Khamon estava tão vivo e cheio de cores que não acreditava que fosse real. Assemelhava-se a um sonho; aquele que nos leva a querer nunca mais acordar...

- Acorde, Chen.

- O que? Acordar?

- Acorde. Ainda temos um longo caminho de volta.

- Mestre? O que está fazendo aqui? Você também conseguiu chegar em Khamon?

- Chen, você não está em Khamon. Se eu não tivesse te seguido, era capaz de você ter morrido aqui.

- Mas ainda estou no meio do caminho! Não é possível!

- Eu te achei aqui desmaiado do lado dessas rochas.
- Quer dizer que eu desmaiei?
- Sim. Cubra-se com este casaco. Você está tremendo de frio.
- É verdade. Estou morrendo de frio. O que é isto na minha cabeça?
- Não se preocupe. Você deve ter batido a cabeça em algum lugar e eu tive que tratar essa ferida. Não parava de sair sangue.

- O-o-o-brigado. Eu não estou entendendo nada. Estou confuso.
- Calma. Tudo tem o seu tempo. Agora descanse um pouco e evite de falar muito. Vamos ter uma longa caminhada pela frente.

Foram pouco a pouco descendo a montanha. O sol escondia-se atrás das nuvens. O mestre ajudava o seu aluno que, com grande dificuldade, tentava andar.

Um tempo depois, eles voltaram ao santuário. Chen, sentindo-se um pouco melhor, questionou o mestre:

- O que aconteceu? Como você me achou?
- Eu já te falei. Eu fui atrás de você. Sabia que iria precisar de ajuda.
- E por que deixou que eu fosse até lá?
- Certas coisas, as pessoas só aprendem com os erros. Vi que você estava obstinado a chegar em Khamon e a teimosia não o faria desistir.

- Então você já sabia que eu não iria conseguir? Você não acreditou que eu poderia ter concretizado o meu desejo?

- Eu não disse isso. Não coloque na minha boca palavras que eu não falei. Eu apenas queria evitar que você se machucasse.

- Mas afinal, Khamon existe ou não?
- O que você acha?
- Eu não sei. Para mim, tudo pareceu tão real.
- Então, guarde essas lembranças dentro do seu coração.

- Foi real o que eu vi?
- Se foi real para você, isso é o que importa.
- Eu imaginei tudo o que vi?
- Isso nós nunca saberemos. Se foi fantasia ou se, você, por alguma

maneira, conseguiu entrar em contato com Khamon, só a sua mente poderá lhe responder.

- Mestre, você já foi até Khamon?
- Já.
- Já? Como foi a experiência?
- Deixe-me falar-lhe uma coisa primeiro e isso é muito importante que

você escute e preste bastante atenção. Não é preciso ir até Khamon quando Khamon está dentro de nós.

- Dentro de nós?
- Chen, qual era o seu objetivo quando foi procurar por Khamon?
- Eu fiquei curioso e também fui pra lá porque tinha ouvido falar que,

naquela cidade, todos eram seres iluminados e que a paz e a harmonia reinavam naquele lugar.

- Então, queria buscar pela paz interior em outra cidade?
- Isso mesmo.
- Por que está procurando por isso fora de você? Não vê que cometeu

um engano? Não existe a terra da felicidade ou a terra da harmonia se você primeiro não a tiver encontrado dentro de si mesmo.

- Então, quer dizer que eu perdi meu tempo?
- Não. De maneira alguma. A vida sempre nos ensina grandes verdades

e você aprendeu uma grande lição hoje.

- Estou começando a entender.

- Reflita sobre o que aconteceu hoje e carregue este aprendizado por toda a sua vida.

- Muito obrigado, mestre. Agora, quero saber mais uma última coisa que você não me respondeu.

- O que é?

- Você disse que esteve em Khamon. Fale-me como foi e o que você viu lá. Existe então esse lugar?

- Eu não preciso ir até Khamon para ter iluminação. Posso consegui-la por conta própria. Se a cidade iluminada existe ou não, só o seu coração poderá dizer.

Assim, o mestre despediu-se de Chen e continuou andando. Fechou a porta e voltou para o templo. Sabia que o jovem tinha aprendido a sua lição.

A lua iluminava todo o vilarejo, anunciando a chegada da noite. Mais um dia terminava e outro começaria dali a poucas horas. No seu quarto, o rapaz dormia em sua cama e sonhava com um lugar mágico e fantástico chamado Khamon.

O assassino noturno

Toda a manhã, Ivan amanhecia com aquele mesmo gosto de sangue na boca. Para ele, isto não era nenhuma novidade. Mas, naquela manhã ele não só sentiu o gosto de sangue, como também viu suas mãos sujas com ele. Havia algo errado, mas ele não sabia o que era. Ligou o rádio como de costume e ouviu o noticiário. Mais uma vítima do assassino noturno. Já era a terceira vítima naquele quarteirão. Ivan estava chocado. Alguém tinha de botar fim naquilo. O assassino noturno não podia continuar impune. Ele já se tornara famoso matando nada mais nada menos que trinta pessoas neste ano. O assassino noturno; ele já escutara aquele nome inúmeras vezes. Quem era aquele estranho homem que tinha prazer em matar? Provavelmente, ou era um doido varrido ou um assassino frio e calculista. Entretanto, isto não interessava mais agora. Estava ligeiramente atrasado para o trabalho.

Os dias foram passando e pesadelos começaram a perturbar seu sono. Sonhos confusos e incrivelmente reais. Tão reais que despertava suando e assustado. Ele estava cansado e abatido. Iria comprar algum remédio para dormir, na farmácia. Necessitava urgentemente recuperar as noites não dormidas.

O tempo transcorreu, contudo aqueles sonhos não foram embora com remédios. Eles haviam decidido permanecer junto a ele toda a vez que Ivan fosse para a cama. E naquela manhã, ficou abismado com o que viu. Havia

pegadas de sangue em seu quarto indo em direção a ele. O pavor dominou-o por inteiro. Tentou ligar a televisão para acalmar-se e um programa jornalístico deixou-o mais apavorado ainda:...nova vítima do assassino noturno é encontrada hoje. Ela foi achada com o pescoço quebrado e estranhas marcas nele. A polícia ainda não tem novidades sobre o autor das mortes que vem assolando a cidade, mas pegadas de sangue foram vistas por lá que seguem até um...

O desespero tomou conta de Ivan. E uma idéia assustadora surgiu – seria ele o assassino noturno? – Tudo indicava que sim.

Em poucos minutos, preparou uma mala com algumas roupas e seguiu direto para o carro. Se não partisse logo, a polícia o encontraria. E como explicaria que ele não matara ninguém se todas as provas mostravam o contrário?

Saiu com o automóvel da garagem e acelerou bruscamente. Perguntava-se se alguém estaria querendo incriminá-lo. Mas como teria entrado na sua casa? Só se fosse pela janela que estava aberta...Não, aquela idéia era absurda e impossível. Ninguém entraria escalando a parede ou voando por ela. Todavia, mais absurda era a situação em que se tinha metido. “Ela foi achada com o pescoço quebrado e estranhas marcas nele.” Marcas no pescoço descobertas na última vítima. Aquilo lhe lembrava os filmes de terror em que vampiros sedentos por sangue furavam mulheres com seus dentes afiados, para alimentarem-se. Entretanto, os acontecimentos faziam parte da realidade e não da fantasia. Na verdade, sua vida tinha se transformado numa **fantasiosa película macabra**.

Olhou pelo retrovisor. Viu dois carros policiais atrás dele. Acelerou ainda mais, tentando a qualquer custo distanciar-se deles. Eles não iriam alcançá-lo. Não deixaria ser capturado. No painel, o marcador registrava 100 km/h.

Um dos policiais forçou uma ultrapassagem, mas Ivan o bloqueou, fechando-lhe a passagem. O outro policial atirou contra ele, estilhaçando um dos vidros. Agora, o marcador subia para 120 km/h.

Dominado pelo pavor, Ivan perdeu o controle do carro e capotou. Num último esforço, tentou erguer-se. Os dois homens que o perseguiam, aproximaram-se dele, com dois revólveres apontados em sua direção.

O automóvel explodiu, formando labaredas ao seu redor. E o que se levantava dali próximo, em nada se assemelhava com Ivan. Quem o visse naquele momento, pensaria que alguma entidade invadira o seu corpo e agora tomava conta da situação. Sua pele assumia uma tonalidade branca. E de seus olhos, formava-se um estranho brilho. Caminhava em passos lentos, movendo-se até eles. O seu olhar vago e distante deixou-os amedrontados. Um deles pediu por reforço policial e o outro o ameaçou com a arma. Contudo, aquilo não o fez parar. Seguiu andando com determinação e vigor. Em seguida, pulou em cima dele, atacando-o com violência. E com extrema velocidade, desferiu uma pancada no segundo guarda, tirando-lhe a consciência.

Uns instantes depois, diversos carros policiais surgiam no local. E de dentro deles saíam vários homens uniformizados. Todos se dirigiram ao mesmo lugar. Com cassetete e fuzis em mãos, encurralaram Ivan. Olharam para ele e ficaram paralisados pela imagem que presenciavam – de sua boca escorriam filetes de sangue. E de um dos corpos surgiam marcas de mordidas profundas. Alguns deles assumiram o risco e algemaram-no. E imediatamente, levaram-no para a prisão.

Após ser analisado por distintos psiquiatras, encaminharam-no para o hospício para um tratamento severo. Ivan sofria de hematomania; um estranho fetiche por sangue onde até mesmo o ato sexual e outras necessidades psicológicas eram supridas pelo consumo deste líquido. Um segundo

distúrbio, percebido pelos médicos foi o de múltipla personalidade. Durante o dia, ele exercia a profissão de advogado. De noite, transformava-se em um assustador vampiro, chegando até mesmo a empalidecer e desenvolver maior força por um processo de crença psicológica. Tudo podia ser facilmente explicado. Seu pai abusara sexualmente dele durante a infância por muitas vezes, provocando o distúrbio de personalidade até o dia em que apareceu morto e embora não se soubesse o porquê, existiam suspeitas do provável criminoso. No entanto, nenhuma evidência para comprovar tal fato. Com certeza, não era o primeiro caso de hematomania da história. Embora, este fosse de hematomania associado a um distúrbio de personalidade múltipla.

De longe, escutavam-se gritos e gemidos histéricos da ala 15. Ivan estava enfurecido. Um enfermeiro aproximava-se dali para aplicar-lhe um sedativo. Abriu a porta da cela e...recebeu uma forte mordida no pescoço, desmaiando em seguida.

Um vento frio soprava forte do lado de fora e um trovão cortava o céu anunciando um presságio de mais mortes e de que o assassino noturno estava à solta pronto para matar e beber mais sangue pelas ruas da cidade.

Medo

Gostaria de falar com vocês sobre algo que já devem ter sentido: medo. O medo de atravessar o corredor sem luz, de estar sendo seguido, do desconhecido. Enfim, ele está presente em muitas situações pelas quais passamos ao redor da vida: algumas rotineiras, outras não. É o frio na espinha, o calafrio, o arrepio na nuca. E pouco a pouco, ele vai se instalando em nossos corações, não querendo mais sair.

Eu já vivenciei muitas situações como essas, mas uma em particular foi a que me deixou mais amedrontado e sempre que me lembro dela, meu coração começa a bater mais rápido.

Tudo começou há alguns anos atrás, quando eu ainda morava com meus pais numa pequena cidade no interior de São Paulo. Era um estudante da sétima série do primeiro grau. Naquela época, tinha treze anos. Era extremamente magro e com algumas espinhas no rosto. Recebi vários apelidos durante aquele ano. Alguns, como: lombriga ambulante, lombriguinha, esqueleto que anda, magricela, esquelético, entre muitos outros que agora não consigo mais recordar. Foi nesse período que aquilo aconteceu.

Lembro-me como se fosse hoje. Daquele primeiro instante em que brincava com meus amigos durante o recreio escolar até àquela hora em que

um medo como jamais sentira antes, tomou conta de mim. Tive pesadelos sucessivos e uma parte daqueles acontecimentos permanece comigo até hoje. Não consigo mais esquecer. Não há mais como apagar as lembranças porque nunca conseguimos enterrar inteiramente o passado. Ele sempre volta a nos atormentar. E nessas horas, as recordações são os nossos piores inimigos. Cruzam o nosso caminho inesperadamente e é só aí que nos damos conta de que nossos problemas são bem menores do que imaginávamos. E quando atravessamos essa fronteira entre o conhecido e o sobrenatural, não há mais volta. Abrimos portas que antigamente sempre estavam fechadas para nós. Quando elas se abrem, a realidade e a fantasia se misturam numa dança grotesca. E um novo mundo surge a nossa frente. Um lugar onde fantasmas e seres sobrenaturais são bem vindos. Uma região que só conhecíamos por filmes e contos. Agora, infelizmente farão parte de nossas vidas.

Se após esta história, sentirem uma vontade repentina de abrir as cortinas e acender as luzes, não se contenham. Provavelmente, depois de lerem esse relato, vocês nunca mais serão os mesmos. Insônia, calafrio e sustos freqüentes são alguns dos primeiros sintomas. E, com o tempo, outros virão.

Voltemos ao que interessa. Como já havia dito antes, o fato sucedeu-se durante o recreio escolar e mudou a minha vida para sempre.

Eu fui o primeiro a ver o cadáver. Ele estava com uma corda no pescoço e não tinha mais do que quatorze ou quinze anos. Além disso, havia um bilhete jogado no chão e envolto de sangue.

Nele, dizia sobre a existência de uma agenda. Quem a encontrasse, descobriria a verdade. Pelo que eu havia entendido, ele tentara fugir, mas não conseguira. Então, sem outra opção, matou-se. O problema era que a tal criatura a que ele tanto se referia no texto, ainda estava à solta por aí. Que criatura? Do que esse garoto estaria falando? E o que estaríamos enfrentando?

O nome dele aparecia no final da folha, escrito com letras tortas e feitas com pressa. Frederico. O morto chamava-se Frederico. Gostaria de nunca ter encontrado o seu corpo e lido aquela mensagem. Muitas vezes, a realidade é dura demais para que nossos olhos possam enxergá-la.

Fiquei completamente imóvel por um bom período de tempo até que um dos meus amigos, o Adriano, também conhecido como bolão, entrou e gritou no meu ouvido, perguntando-me:

- O-o-o que aconteceu aqui? Quem é esse garoto? Meu Deus, ele está m-mo-mor...

- Morto. Sim. Ele está morto. Vamos chamar aos outros. Algo muito estranho aconteceu aqui. Olhe esse bilhete. – falei.

O Bolão pegou o pedaço de papel e começou a ler. Após terminar, ficou com os olhos esbugalhados de pavor e correu porta afora, chorando.

- O que houve, bolão? Por que está chorando? – perguntou Cláudia.

- Tem um c-c-c-cadáver no banheiro! – respondeu ele.

- O que? Você está falando sério?

- É claro que...c-c-claro que estou. Vai lá ver.

- Não vou entrar no banheiro masculino!

- V-v-vai lá. Você tem que ir.

Eu não queria que Cláudia visse o corpo. Ia ser duro demais para ela. No entanto, não pude segurá-la.

Um grito deu-me a certeza de que ela já havia visto o garoto enforcado. A grande pergunta era: teria ela lido o bilhete que estava no chão?

Logo, chegaram Walter e Jorge. Queriam também saber sobre o boato de um morto no banheiro masculino. Confirmei a história e eles corriam para também ver o tal menino.

O bolão vinha na minha direção e parecia estar um pouco melhor do choque que levara ao presenciar tal cena. Pelo que podia perceber, sua agitação e nervosismo tinham ido embora. Por via das dúvidas, decidi perguntar-lhe:

- Você está melhor?

E ele respondeu-me:

- Estou. Agora estou me sentindo melhor. Você guardou o bilhete?

- Ele ainda está lá dentro no chão. Eu até pensei em fazer isso, mas, na hora, eu não consegui.

- O que vamos fazer? Em mais alguns minutos, a escola toda vai estar sabendo do que aconteceu.

- Eu tenho um plano e espero contar com todos vocês.

- O que é?

- Eu, você, a Cláudia, o Walter e o Jorge fomos os únicos que vimos o corpo e o bilhete até agora. Nós vamos guardar o bilhete e procurar pela agenda desse garoto, sem que ninguém saiba disso.

- Eu topo, mas confesso que estou com medo.

- Então vamos chamar os outros e jurar que nenhum de nós vai contar nada a ninguém sobre esse bilhete.

E assim foi. Um juramento de silêncio entre nós cinco sobre não revelar o conteúdo daquele bilhete a ninguém tinha começado naquele momento. Todos concordaram embora ainda não soubéssemos no que estávamos nos metendo.

Jorge perguntava:

- Aonde vamos procurar pela agenda?

E Cláudia retrucou:

- Podemos começar procurando aqui pelo colégio mesmo.

Enfim, o inevitável aconteceu. Não demorou muito para que outros acabassem tomando conhecimento do estudante que se enforcara no banheiro. Aquilo acabou provocando uma grande comoção em toda a instituição de ensino e nos alunos que ali estudavam. Muitos queriam saber o que havia acontecido e por qual razão ele morrera. Contudo, o mais importante fora que nenhum deles acabara sabendo do bilhete. Tornou-se apenas uma lenda, um boato criado por alguém que não teria nada melhor para fazer. E, naquele dia, as aulas foram canceladas. Só que isso seria terrível para nós. Significava a possibilidade de que outras pessoas viessem a achar a agenda e descobrissem a verdade antes da gente. Algo precisava ser feito.

- Eu vou voltar lá e fingir que esqueci meu material na sala de aula. Isso vai nos dar algum tempo para procurar pela agenda. – disse Walter.

- E se a agenda não estiver no colégio? – questionou Cláudia.

- Daí, vamos descobrir onde ele morava e procurar na casa dele. Espero que ela esteja por aqui, assim facilita a nossa busca. – respondi.

- Vocês ouviram falar que o garoto esteve envolvido com rituais de magia negra? – falava o bolão.

- Ah! Isso já é invenção. Já estão começando a inventar histórias sobre esse garoto. Daqui a pouco, vão falar que ele tinha feito um pacto com a cuca. – ironizou Jorge.

Naquele instante, a procura pela agenda iniciou-se. Procurávamos em salas, banheiros e gavetas. Pena que nada foi encontrado. Aonde ela estaria escondida? O que estaria oculto por detrás daquelas páginas? E de quem o garoto fugia?

- Não vamos achar nunca essa agenda. – reclamava Walter.

- A agenda deve estar na mochila dele. – afirmou Adriano, mais conhecido como bolão, com a confiança de ter dito algo brilhante.

- Dãaa. Não diga. Você teve essa idéia sozinho ou pediu a ajuda de alguém? – debochou Jorge.

- Mas o problema é que não achamos a mochila dele. – concluiu Cláudia.

- Espere. A mochila dele pode ter ficado na sala da diretora. – indaguei.

- E como vamos tirar a mochila de lá? – perguntava Cláudia.

- Um de nós vai distrair a diretora, enquanto o outro pega a agenda de dentro da mochila porque acho que vai ser meio difícil sair da sala com uma mochila debaixo dos braços. – respondi.

- E se a agenda não estiver lá? – questionou Jorge.

- Daí, pegamos um caderno ou qualquer coisa que nos leve até a agenda. Vocês não assistem filmes de detetives? – retruquei.

- E aí tiramos as impressões digitais do caderno que nem nos filmes? – arriscou Adriano.

- Cala a boca, Bolão! Deixa de ser burro! – criticou Jorge.

- Peraí, Jorge! Deixa o bolão em paz! – Impôs-se Cláudia.

- Não vamos brigar agora. Ainda nem achamos a agenda. – dizia eu, tentando amenizar a situação.

Chamei todos para um canto e começávamos a elaborar melhor o plano. Cláudia e o bolão iriam falar com a diretora, enquanto eu entrava e revistava a mochila do tal menino. Jorge e Walter ficariam do lado de fora vigiando e, caso fosse necessário, avisariam para que cancelássemos tudo.

- Estão todos prontos?

- Sim, estamos. – gritaram os outros, em coro.

- Então, vamos lá. Vocês já sabem o que vão ter de fazer, não é? – perguntei ao Adriano e a Cláudia.

- Sim. Nós vamos bater na porta para conversar com a diretora. Quando ela abrir, nós vamos dizer que conhecíamos Frederico e que ficamos muito tristes com a notícia da morte dele. Enquanto isso, você entra e abre a mochila do menino. – Falou o bolão.

- É isso mesmo. Já que todos entenderam, vamos lá.

Estávamos nervosos e com medo que algo saísse errado, mas mesmo assim, seguíamos em frente. A sala da diretora estava a poucos metros a nossa frente. Era agora ou nunca.

Walter e Jorge afastaram-se um pouco e Cláudia e Adriano continuaram andando. Eu fiquei de prontidão para quando a minha hora de agir chegasse.

Enfim, chegara a minha vez. Entrei sorrateiramente na sala da diretora, após Cláudia e Adriano já terem entrado e ouvi um grito no ouvido:

- O que você quer aqui? E por que está andando desse jeito? – vociferou a diretora.

- Eu...eu...eu...

- O gato comeu a sua língua?

- Estava esperando o Adriano e a Cláudia saírem.

- Sei. Sei. Aposto que queria escutar o que conversávamos.

- Ah...desculpe. Era isso mesmo. Eu tinha ficado curioso e...

- Tudo bem, mas então esperem lá fora, você e a sua curiosidade.

Tudo havia ido por água abaixo. Tanto trabalho para resultar em nada. Entretanto, ainda existia alguma esperança e só dependia de Cláudia e do bolão de agirem no momento certo. Walter e Jorge observavam de longe, sem entenderem nada.

Os minutos foram passando e eu já não agüentava mais esperar. “O que tinha acontecido?” “Teria algum deles conseguido pegar a agenda?” – pensava eu.

Droga. Aquilo estava me deixando nervoso. A espera aumentava a minha ansiedade e meu coração batia aceleradamente, desejando que o tempo passasse mais depressa. Todavia, ele parecia andar mais devagar, como se zombasse da minha impaciência.

Avistei os dois saindo daquela sala e senti uma ponta de alívio, quando vi que possuíam sorrisos estampados em seus rostos. Pelo visto, tinham conseguido.

- Não achamos a agenda, mas trouxemos o caderno dele. – gritava Cláudia.

- Fala baixo, senão vão ouvir seus gritos. – alertei, com medo de que alguém escutasse a nossa conversa.

- Walter! Jorge! Venham até aqui! Vocês precisam ver isso aqui!

- O que é? O que é? – questionava Walter, com a curiosidade esculpida em seus olhos.

- Venham até aqui que eu mostro. Só que é melhor irmos para outro lugar. Alguém pode ver a gente. – Falou Adriano.

Saímos da escola e abrimos o caderno de Frederico. Nele, viam-se desenhos sem sentido e alguns textos desconexos, junto com informações pessoais e anotações do dia-a-dia dele. Ali também estavam espalhadas frases em um outro idioma que nada pareciam significar para nenhum de nós. Um outro detalhe, no meio daquelas folhas, era o de um desenho feito no final de uma das páginas. O lugar, feito a caneta, lembrava-me de alguma área que eu conhecia bem, embora não conseguisse lembrar qual era. Bancos e mais bancos surgiam numa área com um grande espaço coberto por grama e com

alguns balanços colocados por lá. O sol iluminava um pequeno pedaço daquele território e tinha sido marcado com uma cruz.

Cláudia foi a primeira a notar que o caderno estava sujo de lama. Já tínhamos uma pista para achar a “maldita” agenda. Ela podia estar enterrada em algum lugar próximo do colégio. Bastava saber apenas onde.

- Espere um minuto! Eu acho que já matei a charada! – dizia Jorge.

- Já? – Respondemos todos nós surpresos com tal afirmação.

- Sim. Olhem só esse desenho. Não lembra de alguma coisa?

- Lembra! Lembra o pátio da escola! – afirmou Adriano, o bolão.

- Aquela cruz lá embaixo deve ser o lugar exato onde a agenda foi enterrada – falou Walter.

- Sim! É quase certo que ela esteja lá! – falei, com empolgação na voz.

- E quando vamos começar a cavar? – perguntou Adriano.

- Amanhã. Podemos faltar o segundo tempo de aula e durante esse tempo, cavamos no lugar marcado pela cruz. Ninguém vai nos ver. Alguém pode ficar vigiando para que não tenhamos nenhum tipo de surpresa. – dizia Cláudia.

- Eu concordo. – falou o Bolão prontamente.

Não demorou muito para que chegássemos a um consenso. Todos aceitaram aquela idéia e cada um dava uma nova sugestão do que deveria ser feito para que nada pudesse dar errado.

O tempo passou rápido e, sem nem mesmo percebermos, já havia passado o primeiro tempo de aula. Corríamos para o pátio da escola, evitando que algum professor nos visse.

- Com o que vamos cavar? – perguntou Cláudia.

- Acho que vai ter de ser com as mãos mesmo. – respondi.

- Então, vamos logo cavar! – resmungou Jorge.

Começávamos a tirar pedaços de terra com as mãos e em poucos movimentos, já podíamos ver que a agenda estava ali. Retirei-a do buraco com um dos braços e um mal estar irradiou-se pelo meu corpo.

- Vamos sair logo daqui, antes que alguém nos veja! – bradou Adriano, preocupado com aquela perda de tempo.

- Pega logo isso e vamos nos mandar daqui! – berrou Walter.

Precisávamos voltar para a sala de aula, mas a curiosidade envolvia-nos e a vontade de folhear e descobrir a verdade por trás daquela morte, propagava-se em nossos corações. Infelizmente, tivemos que esperar que o sino tocasse para irmos a um lugar mais adequado.

Alguns minutos depois, entrávamos na casa de Walter. Ele abriu a porta do seu quarto para que pudéssemos passar. Carregávamos a nossa descoberta lambuzada de terra para lá. Os pais dele, por sorte, estavam trabalhando e só voltariam mais tarde.

- O que significam estas palavras aqui?

- Será que é latim?

- Deve ser algum ritual de invocação.

- Eu estou com medo.

- Cala a boca, bolão!

- Vamos ler o que está escrito ou não?

Inesperadamente, a luz apagou-se e a lâmpada explodiu. Pedacos dela voaram por todos os lados e um medo sem igual tomou-nos a todos naquele momento.

- Pega a lanterna, Walter!

- Tá. Já estou indo lá pegar.

Walter acendeu a lanterna e iluminou as páginas da agenda. Não demorou muito para que víssemos do que se tratavam aquelas longas linhas.

Frederico, o garoto que havíamos encontrado no banheiro, invocara alguma entidade maligna que pairava pelas redondezas. As portas de um mundo desconhecido e nunca antes visto tinham sido abertas. E ela, a coisa estava à solta, esperando, espreitando, observando. Quem sabe por quanto tempo não ficara presa naquela região desejando que algum incauto a libertasse? Uma criatura que representava a escuridão, as trevas, a maldade e que se alimentava de almas humanas. Um ser desprezível e hediondo, capaz de tudo para permanecer no nosso mundo. Como levá-la de volta para a outra dimensão? Aonde ela estaria agora?

- Não é po-po-possível. Isso não pode ser real. – dizia Adriano gaguejando.

- É verdade. Ele morreu por causa dessa coisa – retrucou Cláudia.

Um vulto movia-se nas sombras. Gritávamos apavorados. Enormes rachaduras apareciam na sala e nos quartos, seguidas de um barulho forte e aterrorizante. Tremores e batidas pela casa começavam a ser ouvidas.

- E-e-ele está aqui! – gritei com dificuldade.

- Se esse troço foi invocado, tem que haver alguma maneira de levá-lo de volta para o lugar de onde veio.

- Tem sim. Olhem estas frases escritas ao contrário e estas outras em latim. Aqui diz sobre um ritual de sangue. Precisamos seguir estes passos.

O barulho aumentou de intensidade e um grunhido ecoou em nossos ouvidos. Ela se aproximava. Embora não pudéssemos ainda vê-la, sabíamos que a criatura estava bem perto. Eu respirava ofegantemente e meu coração queria sair pela minha boca.

- Começa logo esse ritual! – gritei.

- Estou tentando, mas o meu braço não para de tremer. Não estou conseguindo fazer esse pentagrama no chão com esse pedaço de gi-gi-gizzz. – gaguejou Adriano.

- Então me dá esse pedaço de giz aqui! – vociferou Jorge.

- Vocês querem fazer o favor de copiar logo esse desenho? – desesperou-se Walter.

- Ahhhh! Eu acho que ele está aqui, atrás de mim! – berrou Cláudia.

O pentagrama acabara de ser reproduzido. Agora era necessário escorrer o sangue de nós cinco dentro dele e recitar as palavras certas.

- Já peguei a faca.

- Agora, cada um tem que furar o dedo e deixar o sangue escorrer dentro do pentagrama.

- Pronto. Já está feito.

- Falta ainda recitar as tais palavras.

- Deixa que eu recito!

Tínhamos seguido todos os passos, mas de nada adiantara. Teria faltado algum detalhe? Sim. A faca tinha que ter sido enterrada na barriga da criatura para que o ritual fosse finalizado. No entanto, ela havia fugido. Quem dera, tudo tivesse acabado aqui.

Por vários dias, continuávamos procurando pela tal aberração. Outras mortes ocorreram na cidade e Jorge foi o primeiro de nós a ser pego por ela, até a hora em que decidimos dar um basta nesta história.

- Vamos repetir o ritual. Devemos fazer uma cruz de cabeça para baixo feita de sangue para invocar esse bicho. – falou Walter.

- E se não conseguirmos vencê-lo? – perguntou Cláudia.

- Não vamos pensar nisso agora. Pegue a faca e vamos fazer essa porcaria de ritual. – falei.

- Eu já a peguei. – dizia Adriano para mim.

Algum tempo depois, parte do ritual havia sido feito e diante de nós, um ser bestial e com olhos de fúria materializava-se na nossa frente.

- Crave o punhal nele e recite as palavras! – gritei, em total desespero.

As palavras foram recitadas por Walter e o bolão cravou o punhal na coisa. A temível criatura bradou de dor e uma luz negra iluminou o seu ventre. Podíamos sentir aquela energia negativa sugando as nossas forças. Porém, em poucos instantes, ela desapareceu e um cheiro de enxofre espalhou-se por todo o ambiente. Inacreditavelmente, tudo havia terminado. Só lamentávamos não podermos ter salvado Jorge das garras daquele malévolo monstro das profundezas do inferno.

Foi assim que aconteceu. E a partir daquele dia, tentávamos esquecer aquele episódio. Contudo, no fundo sabíamos que nada seria esquecido e que, apesar de todo o cuidado em repetir as etapas do tal ritual, algum dia, a criatura poderia voltar. Ela não morreria ainda. E quando esse momento chegasse, deveríamos estar prontos para enfrentá-la novamente. Por sorte, isto não aconteceu até agora. E espero que nunca venha a ocorrer. O que me preocupa é se iremos conseguir derrotá-la novamente.

Olhos vermelhos

Paula tentava prestar atenção ao que o professor falava. Porém, aquele garoto a assustara. Havia sido impressão sua ou os seus olhos mudaram de cor? Do castanho passaram para o vermelho em poucos minutos. Devia ser apenas a sua imaginação. Claro que era. O que mais podia ser?

O menino olhou para ela e esboçou um sorriso. Logo depois, virou seu rosto e acomodou-se na cadeira, sem incomodar-se em ser observado.

- Paula? Quem descobriu o Brasil? – perguntou o professor.
- Olhos vermelhos. – respondeu prontamente Paula.
- O que você disse?
- Nada. Nada. Eu estava distraída.
- Você está muito distraída mesmo, Paula. Saia do mundo da lua e volte para o planeta Terra.
- Pode deixar. Isso não vai mais acontecer.

O garoto ria sarcasticamente, abrindo a sua boca e mostrando seus dentes afiados para ela. Agora, ela tinha certeza que não estava apenas imaginando tudo aquilo. Paula conteve-se para não soltar um grito. As pupilas dele novamente mudaram de coloração e assumiam uma tonalidade amarelada. Então, voltaram ao normal.

- Professor, preciso ir ao banheiro!
- Agora, Paula? Estou no meio da matéria.

- Eu preciso! Minha bexiga vai explodir se eu não for...
- Tudo bem. Pode ir, mas vê se não demora muito.
- Eu não vou demorar.

Na verdade, ela não pretendia voltar mais para aquela sala de aula. Não. De maneira nenhuma retornaria para lá. Ele a estaria esperando. E se seus olhos mudassem de cor de novo?

O segundo susto veio quando entrou no banheiro. Perto da pia, o corpo de uma garota jazia sem vida. E, no pescoço dela, duas marcas de dentes surgiam claramente. Quem a matara? E aonde estaria o assassino naquele momento?

Um barulho do lado de fora a deixou aflita e temerosa. Eram passos. Rapidamente, ela abriu a porta para ver quem se aproximava e...não viu ninguém ali.

O menino. E se fosse o menino? O que ela faria? Gritaria por ajuda? Sairia correndo? Dúvidas e mais dúvidas acumulavam-se em sua mente, aumentando o sofrimento e a angústia.

Os passos recomeçaram e vinham aumentando de intensidade mais e mais, a cada instante. Pareciam estar bem perto dela. Seja quem fosse, teria que aparecer alguma hora. Mas quando? E por que demorava tanto em mostrar-se?

Tudo ficou silencioso mais uma vez. Estariam brincando com ela? Talvez, seus amigos queriam pregar-lhe uma peça para deixá-la bem apavorada. Sim. Só podia ser isto.

Uma mão apertou-lhe as costas e Paula, sem agüentar mais, gritou:

- Aaaaaaaiii!!!!
- Paula? Sou eu, a Mariana! Por que está gritando desse jeito?
- Desculpe. Você me assustou.

- O professor me mandou vir te chamar.
- Fala pra ele que eu já estou indo.
- Você está estranha hoje. O que aconteceu?
- Nada não. É coisa minha.
- Se quiser me contar depois, me fala, tá?
- Pode deixar.

E sua colega de turma foi embora. Ficara sozinha naquele corredor imenso e mal iluminado. Como voltaria até a sala, por aquele caminho, sem ter ninguém por perto para socorrê-la? E se ele a estivesse esperando?

Seguiu em frente, com os nervos à flor da pele. Subiu as escadas e escorregou no piso, que acabara de ser lavado. Faltava tão pouco para chegar. Não podia desistir agora.

Repentinamente, sentiu que a puxavam para trás. Era ele. E seus olhos transformavam-se em duas manchas de sangue.

- Está perdida? – perguntou o menino.
- Não. Estou voltando para a sala. – respondeu Paula.
- Acho que você descobriu o meu segredo.
- Segredo? Que segredo?
- Paula, você sabe bem do que estou falando.
- Não. Não sei e não tenho a mínima idéia do que você está....
- Calma. Não precisa se assustar. É só prometer que vai guardar

segredo sobre isso. Ninguém pode saber sobre o que realmente anda acontecendo aqui no colégio.

- E-e-e-eu prometo!
- Muito bem. Você não viu nada e não sabe de nada.
- E-e-eu não vi nada e não sei de nada.

E como prometera, não contou nada a ninguém sobre aquele episódio. Uma semana depois, outras duas mortes ocorreram. A polícia investigava o caso, sem ter ainda nenhum possível suspeito. No entanto, Paula sabia quem fizera aquilo, mas não podia falar. Aqueles olhos a observavam assustadoramente, intimidando-a a manter o voto de silêncio.

O pajé

O calor era insuportável. Seu corpo já não agüentava mais caminhar. E aquele sol começava a causar-lhe tonturas. Sem nem ao menos notar, o antropólogo perdeu as forças e desmaiou.

Acordou em um estranho lugar, onde indígenas dançavam e cantavam para alguma espécie de deus. Um deles foi até ele e disse:

- Homem branco acordou?

E o antropólogo respondeu-lhe:

- Sim. Quem é você?

- Eu pajé da tribo. E você?

- Eu sou um antropólogo, um estudioso do homem como um todo.

- Você doente.

- Provavelmente, foi apenas uma insolação.

- Não. Doença não no corpo. Doença da alma.

- Não entendi.

- Espírito ruim jogou doença na alma de homem branco. Energia ruim dentro de você.

- Espírito? Alma?

- Sim. Sua alma aprisionada por espírito mau. Mim passa energia pra você ficar bom da doença.

- E o que mais?

- Homem branco pergunta muito. Melhor descansar. Vai precisar.

Fechou os olhos e dormiu por longas horas. O cheiro de ervas aromáticas despertou-o. Viu-se coberto por uma pasta verde. Uma fumaça saía de seu corpo e espalhava-se pelo ar.

- Mim vai fazer reza para homem branco ficar bom. – falou o pajé.
- Eu estou curado? – perguntou o antropólogo.
- Você muito apressado. Pressa causa doença no corpo e na mente. – respondeu o pajé.

O índio recitava palavras incompreensíveis e conversava com Tupã, o senhor do raio, do relâmpago e do trovão.

- Você melhor, homem branco?
- Eu estou me sentindo bem melhor.
- Você precisa descansar mais pra ficar bom de doença.
- O que está acontecendo?
- Espírito não quer ir embora. Feche os olhos.

O tratamento estendeu-se por cinco dias. O pajé fumava um cachimbo para entrar em contato com os espíritos. Outros índios, provenientes da mesma tribo o acompanhavam. Muitos continuavam dançando e orando, pedindo por ajuda.

- Homem branco? Acorda, homem branco.
- O que? Oi, pajé.
- Oi. Você curado de mau. Espírito foi embora.
- Eu não vi o espírito.
- Não escutou o zumbido dele?
- Escutei, mas não o vi.
- Espírito debochar de você. Ele já foi. Você pode ir.
- Obrigado pela ajuda.

- Você tomar cuidado com floresta.
- Vou tomar.

O antropólogo despediu-se do pajé, mas decidiu permanecer alguns dias por ali para estudar os seus hábitos e absorver um pouco da cultura indígena.

Encantou-se com tudo o que viu e presenciou naquele lugar. Além disso, descobriu que o pajé representava uma figura de grande poder na tribo, podendo atuar como padre, médico, conselheiro e feiticeiro. Um homem capaz de curar doenças, ler o futuro, ficar invisível ou de transportar-se de um lugar ao outro, se assim o desejar.

Acabou se tornando amigo dos índios e aprendeu a dançar uma das cantigas deles, acompanhadas por alguns instrumentos artesanais de música tocadas por eles. E, embora não quisesse, precisava ir embora e voltar para a cidade. Gostaria de ter entendido melhor o que acontecera durante aquele período em que desmaiara até o momento em que abrira os olhos. O que significava aquela risada em seus ouvidos e o vulto branco que aparecera? Teria sido o espírito mau? Por que mentira sobre isso para o pajé? E por que ficara doente da alma? Pegara apenas uma insolação ou não? Embora não soubesse as respostas daquelas perguntas e nem o que ocorrera, sentia-se mais disposto e mais feliz. Era como se o pajé tivesse lhe devolvido parte de sua energia, com o contato das mãos.

Sua mente não conseguia ainda compreender o que o curandeiro fizera com ele, mas, neste instante já não importava mais. Entendia que o universo era muito mais amplo do que seus olhos podiam enxergar.

O caçador de fenômenos

Sou um parapsicólogo e estudo as manifestações paranormais, como telepatia, clarividência, premonição, entre outros fenômenos da mente humana.

Atualmente, passei a investigar casos de paranormalidade e alguns ligados ao sobrenatural por todo o Brasil. Numa dessas viagens, presenciei uma interessante manifestação de telecinesia, na cidade de Penedo, em Itatiaia.

Logo ao chegar, aproveitei os primeiros minutos para conhecer aquele lugar um pouco melhor. Descobri que a região fora colonizada por finlandeses e que, por ali perto de onde eu estava, existia um museu finlandês. Entrei lá movido pela curiosidade e deparei-me com mais de mil objetos provenientes daquele país da Europa. Entre eles, alguns como: tapeçarias, objetos de artesanato em madeira, fotografias, revistas, folhetos e uma coleção de bonecas finlandesas. Fiquei fascinado com aquilo tudo e decidi estender meu passeio. Abocanhei um típico sanduíche escandinavo e saboreei algumas barras de chocolate caseiras.

Precisava encontrar um bom lugar para dormir. Escolhi um dos hotéis que me tinham sido recomendados e tirei as malas para fora do carro. Só pensava em chegar ao quarto e desmaiar de sono em cima de uma boa cama para me restabelecer. Não queria fazer mais nada por hoje. Apenas descansar.

No dia seguinte, fui até o local combinado por telefone e esbarrei com uma menininha, que não deveria ter mais que dez anos de idade. Perguntei o seu nome e ela me respondeu que era Luciana. Acompanhei-a até a sala e notei que seus pais vinham em minha direção para conversar.

- Bom dia. Queira desculpar-me, mas esqueci o seu nome.
- Flávio. E o seu?
- Leopoldo.
- Prazer em conhecê-lo pessoalmente, Leopoldo. Em que posso ajudá-lo?
- Eu não sei bem por onde começar. Isso é tão estranho...
- Não se preocupe. Estou acostumado a lidar com fatos estranhos.
- Bom, então deve ser mais fácil para você conviver com essas situações nada normais.
- De uma maneira ou de outra, a gente acaba se acostumando.
- Vou tentar começar. Copos quebrando e mesas flutuando são alguns dos estranhos fenômenos que ocorrem aqui.
- Faz quanto tempo que isso vem ocorrendo?
- Já faz um bom tempo. Chegamos a pensar que esta casa fosse mal assombrada.
- Não se preocupe. Eu logo poderei dizer se a casa está ou não mal assombrada. Preciso perguntar uma coisa: a garota sempre esteve aqui quando estes fenômenos aconteciam?
- Sim. Ela sempre estava aqui na casa quando essas coisas aconteciam.
- Muito bem. Por enquanto é só do que preciso saber.

Parecia ser um caso de telecinesia: o poder de mover objetos com a força do pensamento. Comecei a observar mais de perto a garota e procurei saber um pouco mais sobre ela.

Em poucos dias, acabei vendo o que o dono da casa me falara. Vi cadeiras levantarem-se a alguns metros do chão e uma mesa inteira erguendo-se a uns cinqüenta centímetros do solo. Outros objetos realizavam os mais inverossímeis movimentos, situando-se cada um deles em diferentes lugares da residência.

Dez minutos depois, tudo parou.

Falei para Leopoldo:

- Farei algumas verificações para comprovar a veracidade de tais fenômenos e...

Ele interrompeu-me, dizendo:

- Está achando que isso que você viu é uma fraude? Acha que eu ia ficar perdendo meu tempo, inventando esta história toda?

- Eu não quis dizer que tudo não passa de uma farsa. O que eu queria explicar é que, muitas vezes, o nosso inconsciente acaba criando determinados tipos de fraudes, sem que nem ao menos percebamos. A mente de cada um de nós possui uma capacidade magnífica e inesgotável de criação e pode transformar em real, aquilo em que acreditarmos. Eu não quis dizer de maneira alguma que você ou a sua filha são mentirosos ou algo do gênero. Quero apenas fazer alguns experimentos de rotina para comprovar se estamos diante de um caso real de telecinesia ou não.

- Telecine o quê?
- Telecinesia: o poder de mover objetos com o pensamento.
- Você acha que...
- Ainda não posso afirmar nada. Prefiro opinar depois que estiver mais certo disso. Preciso ir agora. Ainda quero conhecer mais um pouco de Penedo.
- Não deixe de visitar as cachoeiras.
- Aqui tem cachoeiras?

- Tem. Visite a Cachoeira de Deus, a Três Bacias e a Três Cachoeiras.
- Obrigado pela dica.

Fui-me embora. Ainda tinha muitos lugares para ir. Passei pela casa do Papai Noel, na pequena Finlândia. Segundo a história, acreditava-se que o Papai Noel morasse na Lapônia, região localizada ao norte da Finlândia. Jantei por ali mesmo um prato de trutas temperadas com um molho especial do restaurante. Aliás, este peixe era uma das especialidades daquele local.

Após terminar a refeição, voltei para o hotel.

No dia seguinte, retornei a casa de Leopoldo e continuei meu trabalho. Novamente, outros acontecimentos iniciaram-se, com inúmeros objetos sobrevoando a habitação. Uma pesada estátua de índio esculpida em pedra levitou, chegando a sair mais de um metro do solo. Uma garrafa espatifou-se no teto e talheres e pratos rodopiavam pela sala. Não podia mais ser apenas uma mentira ou um simples truque elaborado por algum criativo cidadão de Penedo. Mesmo querendo, ninguém reproduziria com tal perfeição aqueles movimentos que aquelas peças faziam. Não havia dúvida. Tratava-se de um caso real de telecinesia.

- Algo deste tipo já tinha acontecido alguma vez? – perguntei a Leopoldo.

- Não. Nunca...Espere. Não sei se é besteira falar, mas algumas vezes, a campainha tocava e quando eu abria, não encontrava ninguém do outro lado da porta. Inicialmente, pensei que se tratava de mau contato ou algo parecido. Isso acontecia com certa frequência. Também, a televisão ligava e se desligava sozinha sem que eu chegasse a tocá-la.

- Estamos realmente diante de um caso de telecinesia. Sua filha é a responsável por tais acontecimentos.

- E-e-ela é quem move esses objetos com a mente?

- Sim. É ela mesmo quem movimenta aqueles objetos. Porém, isto não é tudo. Pelo que notei, seus poderes saíram fora de controle. Por isso, é bom que tomemos cuidado para que a sua filha não acabe provocando algum acidente, machucando a si mesmo ou a outros que a cercam.

- M-m-mas a minha filha seria incapaz de ferir alguém.

- Não. Ela jamais faria tal coisa intencionalmente. A propósito, qual é mesmo o nome da sua filha? Luciana?

- É isso mesmo. Luciana.

- Luciana. Bonito nome. A sua menina parece apenas estar um pouco desorientada e sem controle de seus atos. E eu preciso ajudá-la. Por alguma razão, tais fenômenos aumentaram de intensidade. Algo a deve estar aborrecendo e precisamos saber o que é.

- Não quero que a Luciana corra nenhum tipo de risco.

- Jamais colocaria a vida dela em risco. Não se preocupe. Tudo correrá bem. Eu lhe prometo.

- O-o-obrigado.

Subitamente, um violão quase me atingiu o rosto. Esquivei-me para não ser ferido e pedaços do instrumento voaram, caindo pelo piso. Em seguida, a chave da porta da sala girou para a esquerda e desprendeu-se da fechadura, deslocando-se pelo ar.

- Pare com isso, Luciana! – gritou Leopoldo.

E uma jarra chocou-se contra a sua cabeça, causando-lhe imensa dor.

- Espere. Não se irrite com ela. Você, sua mulher e a sua filha precisam conversar. Procure saber o que a está incomodando desse jeito. Faça com que ela se abra e descobrirá a causa do problema.

- Desculpe-me. Eu acabei perdendo o controle da situação e gritando com ela.

- Não é para mim que você tem que pedir desculpas. É para a sua filha.
- Você tem razão.
- Se me deixar, posso conversar com Luciana e procurar saber o que a incomoda tanto. Afinal, vim aqui para solucionar um problema e não pretendo sair daqui sem resolvê-lo.

- Muito bem. Pode ir até o quarto dela. É a última porta, no final do corredor. Deixe-me ir primeiro que logo em seguida, eu o chamarei.

Leopoldo e Rita, a mulher de Leopoldo, caminharam até o quarto de Luciana e chamaram-na para conversar. Ela olhava para os dois, sem entender o motivo daquela reunião repentina em seu dormitório. Mesmo confusa, foi em direção aos seus pais e procurou ouvir o que eles tinham para lhe falar.

O diálogo estendeu-se por umas boas horas e eu bocejava, sem conseguir evitar o cansaço, que se abatia sobre mim. O que tanto falavam? Estariam entrando em alguma espécie de acordo mútuo? Infelizmente, só Leopoldo poderia responder as minhas perguntas. Posteriormente, elas seriam aclaradas.

O tempo continuou passando e por fim, Leopoldo saía do quarto. Perdoe-me por fazê-lo esperar tanto. – desculpou-se ele.

- Bom, tenho que confessar que eu já estava ficando com sono de tanto esperar. – respondi-lhe.

- Você pode ir até o quarto dela agora. Já falamos com ela sobre você e ela está disposta a conversar.

- Bom, vou ver o que posso fazer para ajudá-la.

Andei até o fim do corredor e vi aquela menininha de olhos claros olhando para mim e conduzindo-me até o seu quarto. Sentia um certo nervosismo em seu rosto. Tentei acalmá-la e fazê-la relaxar. Notei que aos poucos, ela foi acalmando-se e deixando-se levar pela conversa.

Após um longo espaço de tempo e vários diálogos entre eu e Luciana, andei até Leopoldo e ele logo percebeu o sorriso nos lábios de sua filha. contei-lhe as dificuldades pelo qual ela estava passando; eles mudaram-se para lá fazia pouco tempo e a garota não havia ainda se acostumado a isso, não conhecia ninguém ainda naquela cidade, além de sentir falta de suas antigas amigas. Outro dos motivos era o fato de um tio muito querido ter morrido poucos dias atrás.

- Agora sei porque Luciana sentia-se tão mal...
- Está vendo que sua filha tinha razão de sobra para sentir-se mal?

Mas em menos tempo do que você pensa, ela estará cheia de amigas.

- E eu agindo como um pai desnaturado, não vi nada disso.
- Esqueça o passado. O que importa agora é o presente e que Juliana está forte e cheia de saúde. Queria te pedir uma coisa.
- Pode falar.
- Seria bom se Luciana pudesse passar alguns dias comigo no instituto de parapsicologia para que eu a ajudasse a trabalhar melhor as suas habilidades paranormais.

- Claro que sim. Eu não faço a menor objeção. Por mim, ela pode ir. Vai ser bom para ela.

- Eu acho que já está um pouco tarde. Até logo, Leopoldo. Até logo, Luciana.

- Espere um minuto. Você não vai embora assim. Vou te levar para conhecer um típico lugar de danças finlandesas chamado Clube Finlândia.

- Nem sabia da existência desse lugar.
- Mas você deveria saber porque fica exatamente do lado do museu que você visitou. E é falta de educação recusar o meu convite.
- Então, aceitarei o seu convite.

Divertia-me muito, tentando acompanhar uma daquelas típicas danças finlandesas. Em um dos passos, acabei tropeçando. Leopoldo ria pela minha total falta de jeito e eu ruborizava, tentando manter a calma e ao mesmo tempo, procurando um canto escuro para esconder-me de tal situação vexatória.

E aquele foi o meu último dia naquela cidade. Ainda guardo boas recordações daquele período que passei em Penedo. Até hoje, continuo mantendo contato com Leopoldo. Sua filha agora já era uma adolescente e aprendera a usar melhor suas faculdades mentais. Tornara-se uma bela garota e embora seu pai não quisesse, ela acabou conquistando muitos jovens, que se apaixonaram perdidamente pela sua beleza.

Eu, por minha vez, voltei para o Rio de Janeiro e recomecei os meus estudos aplicados à parapsicologia. Sabia que ainda tinha muito o que aprender e que um longo caminho de aprendizado me aguardava pela frente. Novas barreiras seriam atravessadas e novos desafios surgiriam em outras localidades.

Este foi apenas um dos muitos fenômenos que presenciei e investiguei como profissional. Alguns destes surpreenderam-me, outros me deram mais conhecimento e sabedoria, mas todos me ajudaram a amadurecer como ser humano.

Gostaria de ter mais tempo para falar com vocês sobre cada um destes episódios que ocorreram comigo. No entanto, não desejo estender-me mais. Numa próxima oportunidade, contarei mais uma das minhas experiências de paranormalidade que vivenciei ao redor do Brasil.

A versão integral deste livro poderá ser encontrada futuramente, em uma editora ou nas livrarias.

Agradeço a todos vocês por terem lido e prestigiado o meu livro virtual.

“Perder o medo é se atirar no escuro, enfrentando o desconhecido.” (Leo Waider)

Gaston Leonardo
Stefani

Contos
Fantásticos